

DEFININDO ÁREAS E ESCOLHENDO ESCALAS: ESBOÇO DE UMA CARTOGRAFIA DA ARQUITETURA DE QUASE 300 ANOS DE CUIABÁ

DEFINING AREAS AND CHOOSING SCALES:
SKETCH OF A CARTOGRAPHY OF THE
ARCHITECTURE OF ALMOST 300 YEARS OF

Gabriel Francisco de Mattos¹

RESUMO: O presente artigo levanta considerações sobre tipologias arquitetônicas encontradas na cidade de Cuiabá, que recentemente completou 295 anos de fundação. Propõe-se também uma periodização da ocupação urbana do sítio, com destaque para o século XX, fazendo uso de uma revisão bibliográfica.

Palavras chave: Arquitetura. Cuiabá. Ocupação Urbana.

ABSTRACT: This article raises considerations on architectural styles found in the city of Cuiabá, who recently completed 295 years of Foundation. It also proposes a periodization of urban occupancy of the site, with emphasis on the 20th century, making use of book references.

Keywords: Architecture. Cuiabá. Urban Occupation.

¹ Arquiteto (UFRJ, 1994), professor universitário, Mestre em educação, escritor, Cuiabano preocupado (e mais: ocupado) de coração. E-mail: feuermat@terra.com.br

Aproximando-se dos 300 anos, Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, situada entre os ecossistemas do Pantanal, Amazônia e Cerrado, guarda características de extensa ocupação humana. Seu sítio pareceu beneficiar-se dessa localização intermediária, onde as populações indígenas desses três sistemas iam encontrar-se. As ocupações neobrasileiras (espanhóis e portugueses), que preferiam trafegar (e traficar) pelos caminhos fluviais, também acharam estratégico esse ponto de encontro entre o Rio Cuiabá, afluente do Rio Paraguai, e o Córrego da Práinha, este último caminho para o clima mais ameno da chapada alta.

Nascida oficialmente durante o Ciclo da Mineração, a Vila Real de Senhor Bom Jesus de Cuiabá teve sua fundação em 1719, já no ocaso da aventura bandeirista, após a decepção paulista com o desfecho da Guerra dos Emboabas. Originalmente na capitania de São Paulo, questões geopolíticas do Império Português transformaram a região em capitania independente meros 30 anos depois, procurando um ponto mais a oeste para sua capital, criando Vila Bela da Santíssima Trindade por decreto. Cuiabá começa então sua sina de “capital de fato” em contraposição àquela vila insalubre aos europeus à beira do Guaporé (SANTOS, 2001, p. 62).

Seguindo o exemplo do sudeste da colônia, a cidade aprende a sobreviver sozinha, já que qualquer norma ou atualização institucional chega atrasada à região; como no caso da Proclamação da República, informada oficialmente a 8 de dezembro de 1889, logo após evento na Assembléia Provincial em homenagem ao aniversário do Imperador já deposto. Esse vai ser um traço muito forte para a cidade, que durante o Império negociava com os países do Prata e, dependente da via fluvial, foi sendo esquecido pelo poder central do país, incapaz de sequer proporcionar comunicação informacional via telégrafo para a região, quanto mais estradas carroçáveis ou o inatingível trem de ferro (BORGES, 2005).

Mas a cidade foi em frente, aos trancos e barrancos, com surtos de estagnação e desenvolvimento, criando, reinventando-se... e construindo.

Uma cidade mostra o caminho que percorreu, traz cicatrizes, tatuagens, marcas de uso, feridas abertas. Uma história que é contada pelos seus edifícios, ruas e praças, e também pelos vestígios deles. É o que proponho a desvendar neste breve esboço de cartografia.

A história urbana de Cuiabá vem sendo contada desde há muito tempo, com tentativas mais recentes de periodização, sendo uma das primeiras tentada pelo arquiteto Júlio De Lamônica Freire (1992;

1997), que mostra uma história lenta até meados do século XX, quando começa um desenvolvimento acima da média nacional. Considero uma boa proposta, que pode ser detalhada e atualizada, principalmente porque novos estudos urbanos passaram a ser desenvolvidos.

Assim, definimos um primeiro período das origens até a década de 1940, quando a cidade se estrutura, recebe algumas melhorias urbanas, mas acaba caindo em nova situação de estagnação. Um segundo período se abre com o governo de Getúlio Vargas, que, até por necessidade, precisa ocupar, ou dar a impressão de ocupar, os grandes vazios populacionais do país. O terceiro período começa no final dos anos 1960, quando os símbolos do progresso e da modernidade passam a ter um papel quase messiânico na cidade, que se reforma a toque de caixa, construindo e destruindo histórias, até uma súbita tomada de consciência depois de vinte anos meio confusos. Um quarto período começa com os anos 1990, quando preocupações urbanísticas levam inclusive a abertura de cursos superiores de Arquitetura e Urbanismo na cidade; é o momento da auto-reflexão e a hora das propostas. E possivelmente este ano de 2014, com toda a agitação de Cuiabá como uma das cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol, é o final desse período e o início de alguma outra coisa, que está por ser construída.

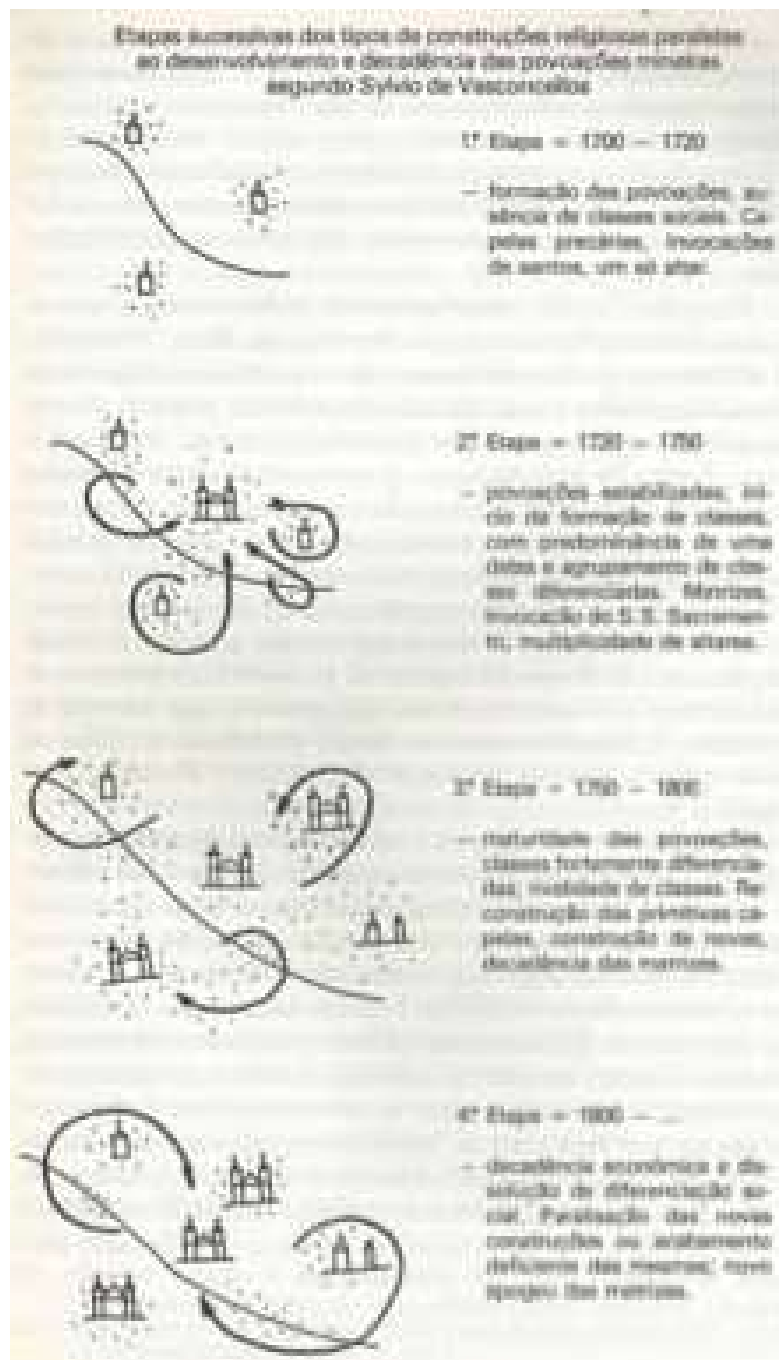
1º PERÍODO: ORIGENS À DÉCADA DE 1940

Os primeiros anos do século XVIII é o período de instalação da fronteira oeste da Coroa Portuguesa, um processo geopolítico que se baseou em fincar cidades nas bordas da colônia (Vila Bela, Cáceres, Corumbá etc.) com a direção definida mais a leste: **Cuiabá**, de clima e situação de acesso mais fácil. Dessa época pouca coisa sobrou: o traçado original ligando o Porto até o Centro do Poder (definido pelo conjunto Palácio do governo, Matriz e Cadeia pública); as casas senhoriais, como a **Casa de Bembém**, a **Casa Barão de Melgaço (IHGMT e Academia Mato-Grossense de Letras)** e a **Casa Cuibana** (entre o Pronto Socorro Municipal e a Santa Casa); e o que eu chamo de *Coroa de Igrejas*, pontuando o caminho do Córrego da Prainha (de leste para oeste: **Igreja do Rosário com a Capela de São Benedito, Igreja Senhor dos Passos, Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, Santuário Maria Auxiliadora e Igreja de São Gonçalo do Porto**).

Pode parecer um período longo, mas é um período em que Mato Grosso era praticamente independente da Capital (Rio de Janeiro) e comercializava com os colegas do Prata. Pena o Casario do Bairro do Porto não ter praticamente sobrevivido.

Cuiabá é uma cidade de origem mineradora, e por isso pode-se usar o esquema de evolução da arquitetura religiosa de Sylvio de Vasconcellos (1983), sendo que o terceiro período conseguiu se manter, não reduzindo a cidade à prevalência da Matriz (Fig. 1).

Figura 1: As quatro fases da arquitetura religiosa, segundo Sylvio de Vasconcellos (1983)



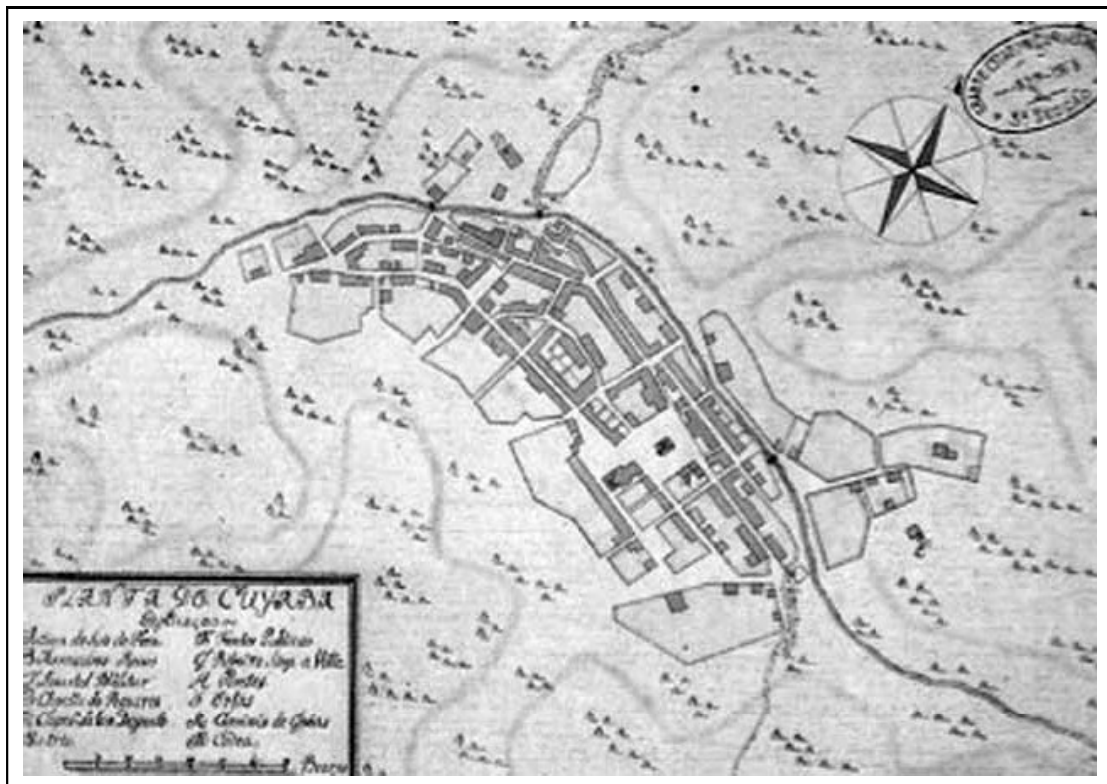
Fonte: MELLO, 1983, p. 144

Logo a cidade se estrutura:

Cuiabá é uma cidade linear (Tábua Vb [Fig. 2]) que se desenvolveu ao longo do rio, com todas as ruas dominantes correndo no mesmo sentido, e as transversais, aproximadamente normais à mesma linha sinuosa do curso de água. Como geralmente acontece em cidades desse tipo, tudo teria começado por uma extensa e magra fileira de casas à margem do rio, que com o tempo teria encorpado, exatamente como se deu em Espanha com Castrojeriz (Burgos), com a qual, de resto, a planta da cidade tem muita semelhança. (SANTOS, 2001, p. 62)

O autor citado elogia depois o traçado da praça central, que equilibra a planta da cidade, comparando-a com as de Vila Boa de Goiás, Vila Bela (MT), Mazagão e Buenos Aires.

Figura 2: Planta sem data de Cuiabá



Fonte: SANTOS, 2001, p. 148

O lote urbano é o definido por REIS FILHO (1978), com uma fachada estreita para a rua e longo comprimento para o interior, onde se localizavam pomares, poço e a “casinha” onde eram despejados os dejetos sanitários. Apelidado de *lote lingüiça*, ainda existe em várias regiões antigas da cidade.

Já em 1853 existe um Código de Posturas, que define “as ruas desta villa, que se houverem de abrir, terão 40 palmos de largura, e em linha reta, quando for possível, nas travessas 30 palmos” (CUIABÁ, 2002, p. 83-84). Também já se definem preocupações sanitárias:

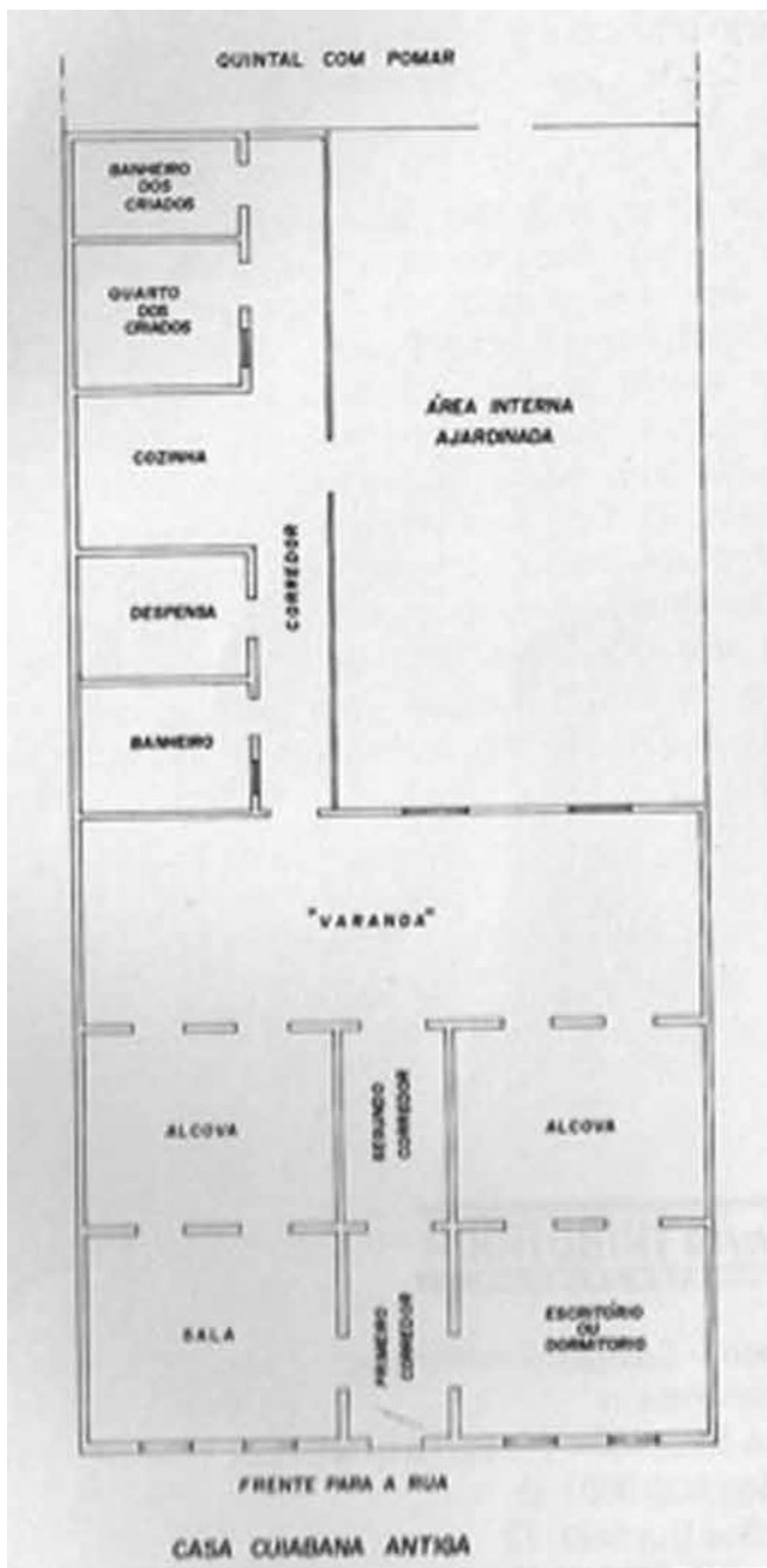
Art. 15 – He prohibido nas ruas e praças, & 1 lançar immundícias de cheiro desagradável, ainda que seja por encanamento que as despejam nellas. & 2 Conservar águas estragadas e fazer estremeiras [...] & 3 Lançar animais mortos ou moribundos. [...]

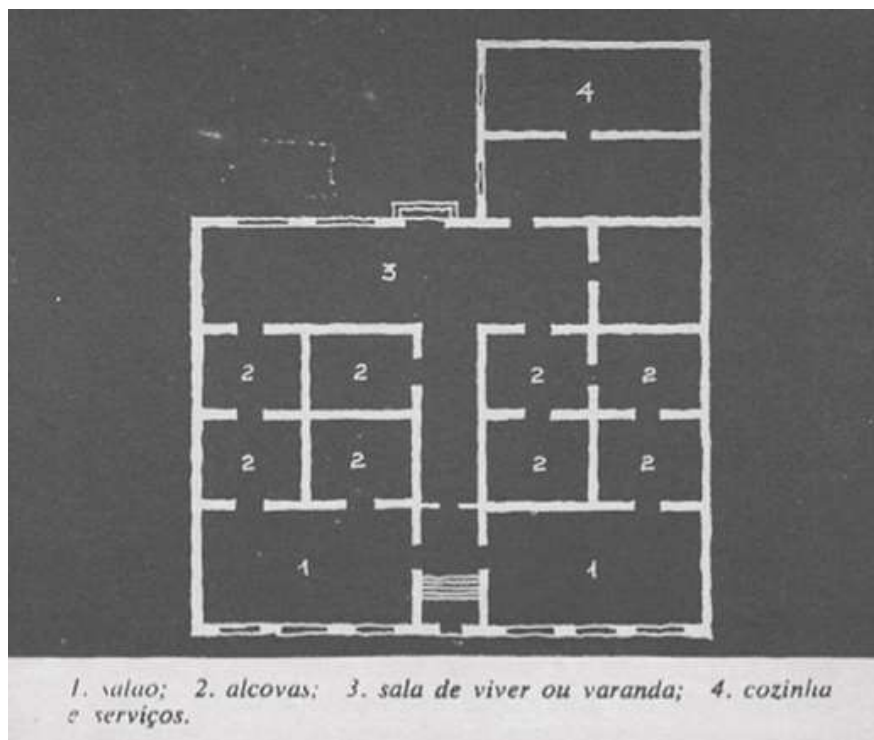
Art. 16 – Os moradores da villa serão obrigados a conservar limpos as testadas dos quintais e casas em que morarem ou forem de sua propriedade. A testada comprehende metade da rua e nas praças 20 palmos, o excedente, isto he o centro das praças, será de obrigação da Câmara. (CUIABÁ, 2002, p. 85)

A casa também é a casa tradicional estudada por Reis Filho (1978) e Verissimo; Bittar (1999), com fachada estreita e voltada para o quintal traseiro, onde se desenvolve a vida doméstica.

Essa situação se altera no final do século XIX com uma adaptação que lembra a *casa de porão alto* definida por Reis Filho (1978), mas que em Cuiabá vai se restringir a um arranjo de planta muito semelhante (Figs. 3 e 4). Isso porque a topografia da cidade, no declive para o Córrego da Prainha, faz aparecer um outro pavimento (ou meio pavimento) que acaba funcionando como um porão ou depósito.

Fig. 3: Casa de Porão Alto e Fig 4: Casa Cuiabana





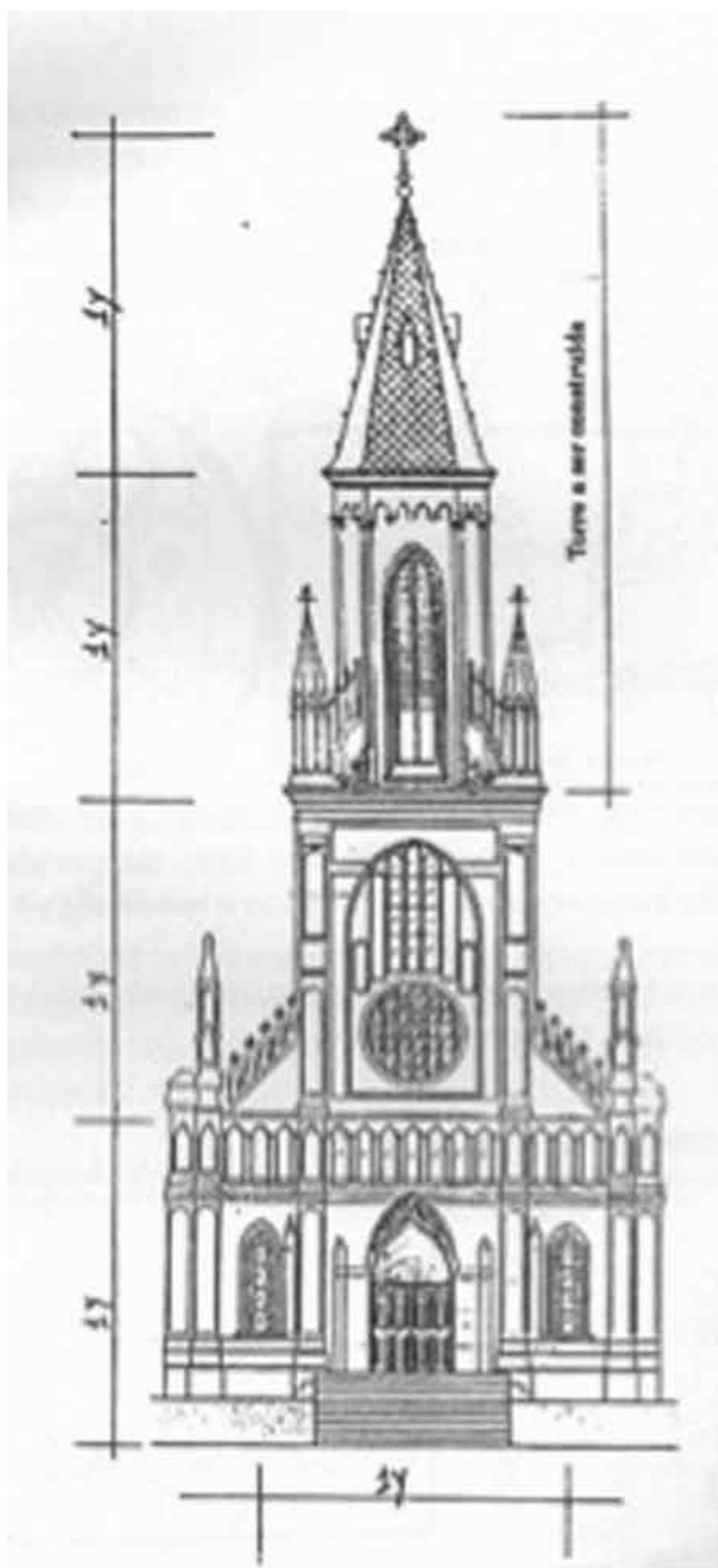
Fonte: REIS FILHO, 1978, p. 39; PÓVOAS, 1980, p. 55

De qualquer maneira é o sistema de limitação da área privada em relação aos espaços sociais masculino (escritório) e feminino (sala de visitas). Os quintais com suas mangueiras e os pés direitos altos mantinham um bom nível de conforto térmico. E é preciso lembrar que as construções alinhadas nos dois lados da via é que definiam a *rua* em contrapartida aos caminhos e largos.

Nesse período a estrutura da cidade é bastante simples, com o caminho ligando o Porto como entrada e acompanhando o Córrego da Prainha até a subida da (hoje) Avenida Getúlio Vargas, onde se estabelece o rocio, o sistema administrativo com o Palácio do Governo e a Matriz do Senhor Bom Jesus.

Esse caminho é abençoado pelo que chamo de *Coroa de Igrejas*, desde a Igreja de São Gonçalo do Porto, com sua esfera no coroamento da torre, passando pelo Santuário N. S. Auxiliadora, do Colégio dos Padres, a inacabada Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho (Fig. 5), a altaneira Matriz presidindo de longe, e o final da cidade oficial marcado pelo fundo da Igreja Senhor dos Passos e frente da Igreja do Rosário e Capela de São Benedito.

Fig. 5: Projeto original da Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho, com a torre que *não* foi construída



Fonte: MATOS, 1998, p. 43

Os melhoramentos urbanos tardam, aparecendo no início do séc. XX, na administração estadual de Antonio Paes de Barros, que traz iluminação pública e outras melhorias.

Outra alteração interessante e com desdobramentos futuros é a reforma da Praça da República, que assume um estilo mais neoclássico no final da década de 1920, e que leva à reforma, para combinar com a praça, da fachada da Igreja Matriz.

Mas a cidade e a província (depois estado) continuam longe dos olhos do poder central. A vida se desenrola pacífica, e as atenções acabam se concentrando no sul da região, com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. O norte do estado perde um naco: o território de Guaporé, depois estado de Rondônia.

2º PERÍODO: DA DÉCADA DE 1940 AOS ANOS 1960

O período se inicia com as Obras Públicas do Governo Vargas, e a modernização dos edifícios de administração e apoio. Desde os de arquitetura mais *autoritária*, como o atual **Arquivo Público** e o **Juizado em frente**, até um gostoso *Neocolonial* da **Casa do Governador** (atual MT Fomento) e o **Grande Hotel** (atual Secretaria Estadual de Cultura) em conjunto com o **Cine Teatro Cuiabá**. Outro belíssimo exemplo em nível nacional é o **Colégio Estadual**, atual Liceu Cuiabano.

Parte dessa história é narrada por um de seus atores, o engenheiro Cássio Veiga de Sá, no seu *Memórias de um cuiabano honorário (1939-1945)*, curiosamente enfocando os anos onde se desenrolou a Segunda Guerra Mundial. “Nos anos 1930, conceitos como funcionalidade, eficiência e economia na arquitetura – termos próprios de equações racionalistas – tiveram firme aplicação em obras públicas, boa parte delas projetos e obras de repartições oficiais de engenharia e arquitetura”. (SEGAWA, 1995, p. 80).

Começa um surto de modernização que é acentuado pela construção de Brasília, “a Capital mais próxima do Brasil”, e que tem seu grande marco local com o novo **Palácio Alencastro** (atual Prefeitura Municipal). Esse edifício é colocado por Segawa (1990, p. 52), como um dos “Três modernos nos anos 50” em seu *Dossiê Interior*: “O Palácio Alencastro, sede do executivo municipal de Cuiabá, foi obra efetuada entre 1959 e 1965 pela empreiteira carioca Monteiro Wigderowicz e Monteiro Arquitetos e Engenheiros. Introduziu no centro da capital mato-grossense um edifício de volumetria e pormenores de evidente filiação ao modernismo carioca”.

É a época do começo do trabalho de arquitetos locais, como o Edifício Asteca, originalmente, que é o **Edifício Maria Joaquina**, também na Praça Alencastro. Outros exemplos deste período são algumas **casas modernistas** da Av. Getúlio Vargas, sobretudo duas em frente ao CDL, com fachadas em “Asa de Borboleta”.

Na verdade esse momento é o da verticalização como símbolo do progresso, e o foco é realmente o centro da cidade. É o que se nota analisando certas fotos de família.

Exemplificando com um caso pessoal, depois aberto. Na história da cidade abundam panoramas de Cuiabá feitos a partir do Morro da Luz, bem antes de ter esse nome (SIQUEIRA et al., 2006, p. 190-205). Ladeando o Córrego da Prainha, de difícil acesso e ocupação a margem dele, o morro acabou sendo uma espécie de defesa vegetal, com o seu cume ocupado principalmente pelo Clube Esportivo Dom Bosco, o *Clube da Colina Iluminada*. Além dele, a Casinha da Luz acabou dando nome ao acidente geográfico.

No início dos anos 1960 temos a fotografia em preto e branco (Fig. 6), tirada da mureta do Clube Dom Bosco. Vê-se o Palácio Alencastro em construção, ultrapassando o nível definido pela Matriz e pelo Hotel Centro América. O novo palácio dá uma alterada no que crescia com certa harmonia.

Fig. 6: Do álbum de família, início da década de 1960



Fonte: Acervo do autor

Nos inícios dos anos 1970, temos a fotografia colorida (Fig. 7) tirada do mesmo ponto, e com três pessoas que apareceram na anterior, onde, meros dez anos depois, o nível de altura anterior foi extrapolado

pelo Edifício Maria Joaquina e simplesmente destruído pelo Palácio do Comércio em construção. O foco da foto anterior seria quebrado pela altura do novo prédio.

Fig. 7: Do álbum de família, início da década de 1970



Fonte: Acervo do autor

Para corroborar a situação vamos recorrer à família Ramos, que, na década de 1940, ali pertinho, na Casinha da Luz, foi registrada por Cláudio Ramos (Fig. 8). Para chamar alguma atenção, o foco da fotografia foi o conjunto mais à esquerda, presidido pela Matriz e pelo Palácio da Instrução; o Palácio Alencastro é até difícil de ser notado. De fato, a verticalidade da área da direita é a das palmeiras.

Fig.8: Na Casinha da Luz, de Claudio Ramos



Fonte: RAMOS, 2002; p. 172

Novas roupas, novas modas, mas o ponto de observação turística era o mesmo. Parafraseando João do Rio: Cuiabá civiliza-se. Para cima.

Também é o momento de trabalhar o zoneamento da cidade e organizar sua legislação, como mostra o depoimento de Moacyr Freitas, em meados da década de 1960:

Pela primeira vez tomou-se a iniciativa de preparar um “Código de Obras e Urbanismo” para nossa cidade. Havia eu estudado sozinho um plano diretor preliminar para Cuiabá, diante da urgência e necessidade dele. Desenhei o zoneamento da cidade numas cópias heliográficas da planta de Cuiabá e por ele disciplinava o uso do solo. Baseado em outros códigos de obras das cidades brasileiras em situação semelhante, escrevi um para Cuiabá. Aplicava aqueles estudos já antecipando às condições e normas que, certamente, viriam a ser regulamentadas no futuro. Nessa precariedade, aperfeiçoava-o constantemente, até que, por decisão superior, foram estabelecidas reuniões semanais com os técnicos de então, para o estudo definitivo do nosso código de obras. (FREITAS, 2003, p. 19)

Os esforços de Moacyr Freitas ainda vão esperar muito para serem correspondidos.

A cidade cresce e dá a volta no Morro da Luz. O caminho para o Coxipó começa a ser trilhado pela ocupação imobiliária. No sentido inverso, a construção, dentro das obras públicas de 1940, da Ponte Júlio Müller, vai iniciar um novo processo de junção com o município vizinho de Várzea Grande, gerando um aglomerado urbano com problemas quase comuns.

3º PERÍODO: DA DERRUBADA DA MATRIZ À DERRUBADA DO HOTEL CENTRO AMÉRICA (1968/1989)

Uma foto muito sintomática do caminho futuro da arquitetura cuiabana mostra, já nos inícios dos anos 1960, um tipo de síndrome que vai se acelerar nos vinte anos seguinte. Ela mostra (Fig. 9) a fachada do antigo Palácio Alencastro mantida como tapume para a construção do novo Palácio Alencastro. Essa intervenção quebra com todas as características de ocupação de até então na cidade, abrindo um espaço na frente do prédio, que ainda projeta uma cobertura sob um pé direito duplo com pilotis. Mas, sobretudo o domínio da praça fronteira deixa de ser apenas simbolizado pela fachada clássica do antigo palácio, esta deixa de ser inclusive respeitada (é mantida

para baratear o custo de fechamento do canteiro de obra), e agora é a verticalização que aparece como sinônimo de poder e sobretudo de uma inelutável modernidade. E é curioso que, analisando o projeto do novo palácio em relação a sua matriz corbusiana, CASTOR indica que “Como Macunaíma, a arquitetura moderna em Mato Grosso já nasceu velha, ultrapassada em sua ortodoxia” (2010, p. 5)

Fig. 9: A fachada do antigo Palácio Alencastro serve de tapume para a obra de construção do novo Palácio Alencastro



Fonte: Foto CHAU *apud* LUCIDIO, 2008, p. 244

Este é o período de modernização acelerada, destruição de patrimônio e consciência urbana. A cidade vive seu maior surto de crescimento e paga um preço: casarões são derrubados, prédios erguidos sem condições de infraestrutura e ruas estreitas acabam entupidas de carros.

O símbolo desse período é a derrubada da Igreja Matriz, na Praça da República. Basicamente uma decisão da cúpula católica, a construção de uma nova igreja é defendida como uma necessária modernização, com a mobilização de toda a comunidade no levantamento dos fundos e na escolha da nova fachada, através de um curioso concurso sobre qual “estilo” escolher. É novamente Castor (2010, p. 6), quem decreta:

À população coube decidir, num plebiscito, o estilo da nova igreja. Clássico ou moderno? A julgar pela obra do arquiteto Benedito Calixto, inaugurada em 1973, deu empate. Terminava sem vencedores a primeira fase de modernização da arquitetura regional, com um templo de formas duras, pesadas, pseudomodernas roubando o lugar do monumento que balizava a identidade histórica da cidade - sua pedra Muiraquitã.

Se perdemos a antiga Matriz, conseguimos preservar outros prédios. E começa uma consciência sobre os reais problemas da cidade. São criados novos bairros, com um certo planejamento, como a antiga **Vila do Ipase**, paralelo ao final da Rua Barão de Melgaço, o **Coophamil** e o **Novo Terceiro**, depois da Grande Cheia de 1974.

Os prédios públicos continuam a marcar, principalmente os ligados à Educação, como os exemplares da *Arquitetura Brutalista* (concreto e vidro): **Colégio Presidente Médici**, **Colégio Nilo Póvoas** e principalmente os prédios originais da UFMT. Mas o grande exemplo é o complexo do CPA: o **Palácio Paiaguás e o conjunto de secretarias anexas**.

No caso brasileiro fala-se do Brutalismo Paulista, cujos mentores, entre os quais J. B. Villanova Artigas, “Propunham a participação da arquitetura na construção de um país mais justo e com melhores condições de vida para seu povo. [...] Nessa posição idealista a arquitetura exercia um papel importante, já que a ela se atribuía a potencialidade de contribuir intensamente para a solução dos problemas do país” (SANVITO, 1997, p. 92)

O período fecha com o **Tombamento do Conjunto do Centro Histórico de Cuiabá**, em Nível Nacional, por conter não só exemplos de arquitetura antiga, mas por acompanhar mais de 250 anos de construção.

E é justamente o tombamento que define outro ponto de ruptura, analisado por Brandão (1997): a derrubada do Hotel Centro América.

Marco da Praça da República, ao lado da Matriz/Basílica, cartão postal da cidade (Fig. 10), o edifício de seis andares era a contribuição civil ao conjunto da praça, dialogando com a igreja e os prédios públicos mais antigos do Tesouro Público e Palácio da Instrução, e o moderno dos Correios e Telégrafos.

O embate entre a prefeitura municipal, favorável à demolição, e os órgãos de preservação terminou com a derrubada do prédio e o embargo da construção no terreno vago por alguns anos. Nesse período inclusive circulou timidamente a idéia de ocupar esse “lote vago central” com o também eternamente protelado Teatro Municipal de Cuiabá.

Fig. 10: O Hotel Centro América em postal da década de 1960



Fonte: Foto Pierre *apud* FREITAS, 2011, p. 147

4º PERÍODO: CONSOLIDAÇÃO E OS CURSOS DE ARQUITETURA

Das discussões do final dos anos 80 surgiram as preocupações com o planejamento urbano e Plano Diretor para Cuiabá, que acabava na **Avenida Miguel Sutil**, além dela, ainda se *cobrava ITR (Imposto Territorial Rural) e não IPTU*.

A década de 1990 vê surgir os primeiros cursos de Arquitetura e Urbanismo do estado (UFMT em 1995, UNIC em 1997) e a produção e discussão ganha novos contornos (MATTOS, 2000).

Desde meados dos anos 1980 também já existem associações profissionais de arquitetos cobrando e propondo soluções para a cidade.

[...] As reuniões em cidades onde os arquitetos se organizaram em torno de associações corporativas registraram um discurso sublinhando os problemas de atuação profissional e mercado de trabalho; nas cidades que possuem escolas de arquitetura e com a participação de docentes nas reuniões, a discussão equilibrou-se entre o lado pragmático da profissão, com visões conceituais da arquitetura. Numa síntese grosseira: onde não há escolas de arquitetura discute-se mercado; onde há, discute-se também arquitetura [...] (SEGAWA, 1990, p. 63)

Sim, surge uma nova *Arquitetura Cuiabana*, mas infelizmente confinada aos **Condomínios Fechados** ou grandes **conjuntos de Prédios** de dez ou mais pavimentos com todos os serviços anexos (BERNARDINO, 2008). Também aparecem os **Shoppings Centers** e suas comodidades de climatização (REIS, 2009).

São exemplos desse período também a reforma do Arsenal de Guerra, criando o **SESC Arsenal**, e a construção do **Centro de Eventos do Pantanal**.

Mais arquitetos, mais produção, mas até que ponto uma produção confinada, fechada por muros?

Também o início desse período é lembrado como o outro lado da atividade de projetar ou pensar a cidade, não mais a euforia dos anos 80:

[...] Os profissionais que nos anos 70 se estabeleceram em escritórios exclusivamente de projeto hoje estão se imiscuindo em incorporação, construção e administração de imóveis. Os arquitetos menos aquinhoados com a sorte ou os mais jovens sobrevivem (alguns otimamente bem) com arquitetura de interiores – o refluxo de um período de intensa construção de prédios e casas de alto luxo. Há vinte anos, num período de massacrante engajamento político e das grandes utopias planejadoras, trabalhar com decoração era pejorativo para os jovens. Hoje, o concorrente mais forte do arquiteto não é o engenheiro: é o decorador. (SEGAWA, 1990, p. 61)

Ainda é cedo para discutir os impactos de obras da Copa do Mundo, visto que a maioria delas, como publicado na imprensa local não foi concluída às vésperas do evento. O jornal *A Gazeta*, de 31 de maio de 2014, em sua primeira página, destaca: “Das 56 obras prometidas pelo governo do Estado para a Copa do Mundo em Cuiabá, 19 foram concluídas antes de 31 de maio, ou seja, 34% [...]” Um primeiro trabalho de levantamento desse momento foi registrado por Santos (2013) e continua a ser feito “no calor da batalha” em seu blog. É uma história de frustrações e euforias, com desdobramentos incertos.

A certeza é que a reflexão sobre o que está acontecendo agora vai levar à conclusão de um período, e o início de um novo momento. Que, esperamos (e trabalhamos para isso), será melhor para a cidade.

Cuiabá merece um feliz aniversário de 300 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito ainda há que se andar para definirmos os caminhos da arquitetura quase tricentenária de Cuiabá. Muito se está fazendo sobre o assunto, principalmente porque qualquer análise pontual precisa ser balizada por uma contextualização mais ampla. O percurso pode variar de passeios pelas ruas (MENDONÇA, 2012; ROMANCINI, 2005; SIQUEIRA et al., 2006), levantamento de acervos iconográficos (DURÃES, 2000; RAMOS, 2002; MIRANDA, 2002; LUCIDIO, 2008; FREITAS, 2011), reminiscências (FREITAS, 1995; ALENCASTRO, 2003; SÁ, s/d) e mesmo estudos mais técnicos (BRANDÃO, 2002; CASTOR, 2010; SILVA, 2010). A análise e mesmo a organização de um vasto material produzido pelos cursos de Arquitetura, de Geografia e de História, por si só demandariam um esforço concentrado para chegarmos a alguma conclusão.

Tentei aqui organizar um roteiro para inserção de certas análises pontuais, necessário em virtude do crescente interesse no passado da cidade, único suporte seguro para um planejamento eficaz. Entender cada um desses momentos, compreender as lutas e impasses de cada época, é a única forma de assimilar o presente, e organizar um caminho para o futuro, que sempre chega.

Esta é a contribuição deste estudo.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Anibal. *Cuyabá - Histórias, Crônicas e lendas*; São Paulo: Yangraf, 2003.
- ARAUJO, Bernadete Durães. *Cuiabá: Uma janela para a história*. Cuiabá: B. D. Araújo, 2000.
- BERNARDINO, Ana de Cássia Moraes Abdalla. A cidade murada do século XXI. In ROMANCINI, Sonia Regina (Org.). *Novas Territorialidades Urbanas em Cuiabá*. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2008, p. 65-81.
- BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Esperando o trem: sonhos e esperanças de Cuiabá*. São Paulo: Scortecci, 2005.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. *A Catedral e a Cidade: Uma abordagem da educação como prática social*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. *A Casa Subjetiva*. São Paulo; Cuiabá: Perspectiva; Secr. Est. de Cultura, 2002.
- CASTOR, Ricardo Silveira. *Modernidade e primitivismo na arquitetura de Mato Grosso - Confrontos da segunda metade do século 20*. Arquitectos

126.05, ano 11, novembro, 2010. In <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.126/3637> (acessado em 06/06/2014).

CONTE, Claudio Quoos; DE LAMONICA FREIRE, Marcus Vinicius. *Centro Histórico de Cuiabá – Patrimônio do Brasil*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

CUIABÁ. *Cadernos da Memória do Legislativo Cuiabano – Vol. 1*. Cuiabá, Secretaria Especial de Apoio à Cultura e Resgate Histórico/ Câmara Municipal de Cuiabá, 2002.

DE LAMONICA FREIRE, Júlio. *Cuiabá, Nosso Bem Coletivo*; EdUFMT, Cuiabá, 1992.

DE LAMONICA FREIRE, Júlio. *Por uma poética popular da Arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

FREITAS, Maria Auxiliadora de. *Cuiabá: Imagens da cidade – Dos Primeiros registros à década de 1960*. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.

FREITAS, Moacyr:... *e o tempo passou!* Cuiabá: s/ed., 1995.

FREITAS, Moacyr: Capela de São Gonçalo do Porto. *Revista do IHGMT*, tomo CXLV, Ano LXIX, p. 107- 116; Cuiabá, IHGMT, 1997.

FREITAS, Moacyr: Cuiabá precisava de ajuda. *Revista do IHGMT*, v. 61, pp. 07- 43; Cuiabá, IHGMT, 2003.

FREITAS, Moacyr: *Uma casa dos tempos coloniais*. *Revista do IHGMT*, v. 64, p. 19-24; Cuiabá, IHGMT, 2006.

FREITAS, Moacyr. *Primeiros tempos da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*. História Ilustrada. Cuiabá: Tanta Tinta, 2006.

GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzózimo. *Viveres, fazeres e experiências dos italianos na cidade de Cuiabá: 1890-1930*. Cuiabá: EdUFMT; Entrelinhas, 2005.

LEITE, Luis-Philippe Pereira. *Três sorocabanos no Arraial – Mato Grosso nos seus primórdios*. São Paulo: Resenha Tributária, s/d.

LUCIDIO, João Antonio Botelho. *Ofício e Arte: Fotógrafos e fotografias em Mato Grosso 1860-1960*. Cuiabá: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2008.

MATOS, Alex de. *A Igreja do Bom Despacho – Arquitetura e Simbolismo*. Cuiabá: Gráfica Grafite, 1998.

MATOS, Alex de. *Templos Secretos – História e arquitetura sagrada das igrejas neogóticas de Mato Grosso*. Cuiabá: Editora do Autor, 2011.

MATTOS, Gabriel (Francisco) de: Começa a Nova Arquitetura Mato-Grossense. *Revista do IHGMT*, v. 58, p. 85- 91; Cuiabá, IHGMT, 2000.

MATTOS, Gabriel (Francisco) de: *Desmontando os Quadrinhos – Histórias em Quadrinhos, Educação e Regionalidade*. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2009.

- MELLO, Suzy de. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MENDONÇA, Rubens de: *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*. Cuiabá: Igrejinha, 1975.
- MENDONÇA, Rubens de: *Igrejas & Sobrados da Cuiabá*. Cuiabá, 1978. (Cadernos Cuiabanos, 3)
- MENDONÇA, Rubens de: *Ruas de Cuiabá*. Cuiabá, SEC-MT; Integrar; Defanti, 2012.
- MIRANDA, Laércio. *Cuiabá: Um olhar sobre a cidade*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- MOURA, Carlos Francisco. *A Expedição Langsdorff em Mato Grosso – Desenhos e pinturas inéditos há mais de 150 anos*. Cuiabá; Rio de Janeiro: EdUFMT/Imprinta, 1984.
- MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá ao longo de 100 anos*. Cuiabá: FIEMT, 1994.
- OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras de. Alta Floresta: Uma história com muitas interpretações. *CADERNOS BRASILEIROS DE ARQUITETURA*, n. 13: Desenho Urbano II; São Paulo, Projeto Ed. Assoc., 1984, p. 87-94.
- PINHO, Rachel Tegon de. *Cidade e Loucura*. Cuiabá: EdUFMT /Central de Texto, 2007.
- PORTOCARRERO, José Afonso Botura, *Tecnologia Indígena em Mato Grosso – Habitação*. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.
- PÓVOAS, Lenine: *Sobrados e Casas Senhoriais de Cuiabá*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1980;
- RAMOS, Maria de Lourdes Figueiredo Bastos da Silva. *Um olhar para a Cuiabá de Claudio e Raimundo Bastos (1920-1940)*. Cuiabá: M. L. F. B. da Silva, 2002.
- REIS, Chênia Castilho. O comércio varejista no Pantanal Shopping. In ROMANCINI, Sonia Regina (Org.). *Novas Territorialidades nas cidades mato-grossenses*. Cuiabá: EdUFMT, 2009. p. 77-95.
- REIS FILHO, Nestor Goulart: *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- RIBEIRO FILHO, Carlos Antonio de Souza. Construção de cidades: Distância entre espaços propostos por urbanistas e ambientes feitos por gente (A experiência de Alta Floresta). in *CADERNOS BRASILEIROS DE ARQUITETURA* n. 13: Desenho Urbano II; São Paulo: Projeto Ed. Assoc., 1984, p. 95-111.
- ROMANCINI, Sonia Regina. *Cuiabá: paisagens e espaços da memória*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005 (Coleção Tibanaré, 6).

- ROMANCINI, Sonia Regina (Org.). *Novas Territorialidades Urbanas em Cuiabá*. Cuiabá, EdUFMT; FAPEMAT, 2008.
- ROMANCINI, Sonia Regina (Org.). *Novas Territorialidades nas cidades mato-grossenses*. Cuiabá: EdUFMT, 2009.
- SÁ, Cássio Veiga de: *Memórias de um Cuiabano Honorário (1939-1945)*. São Paulo: Resenha Tributária, s/d.
- SAIA, Luís: *Morada Paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SANTOS, José Antonio Lemos dos. *Cuiabá e a Copa – A Preparação*. Cuiabá: Entrelinhas, 2013.
- SANTOS, Paulo F. *Formação de Cidades no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- SANVITO, Maria Luiza Adams. Brutalismo Paulista: o discurso e a obra. *Revista Projeto Design* n. 207, São Paulo, abril, 1997, p. 92-97.
- SEGAWA, H. Dossiê Interior – Arquiteturas realizadas fora dos grandes centros. In *Revista Projeto Design* n. 135, São Paulo: Arco Editorial, outubro, 1990, p. 49-78.
- SEGAWA, H. Modernidade Pragmática. *Revista Projeto Design* n. 191, São Paulo: Arco Editorial, novembro, 1995, p. 73-84.
- SEGAWA, H. *Arquiteturas Brasileiras*. São Paulo: EdUSP, 1998.
- SILVA, Geovany Jessé Alexandre. Projeto de Intervenção Urbana: uma ruptura de paradigmas. São Paulo: Edgar Blucher, 2010.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e Sombras: Modernidade e Educação Pública em Mato Grosso (1870-1889)*. Brasília; Cuiabá: INEP/COMPED; EdUFMT, 2000.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira et al. (Org.): *Cuiabá: De vila a metrópole nascente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura – Dois Estudos*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Secretaria da Educação Superior, Primeg-Arq, 1983.
- VERISSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallman. *500 anos da casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- VERISSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallman; ALVAREZ, José Mauricio Saldanha. *Vida Urbana: a evolução do cotidiano da cidade brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

